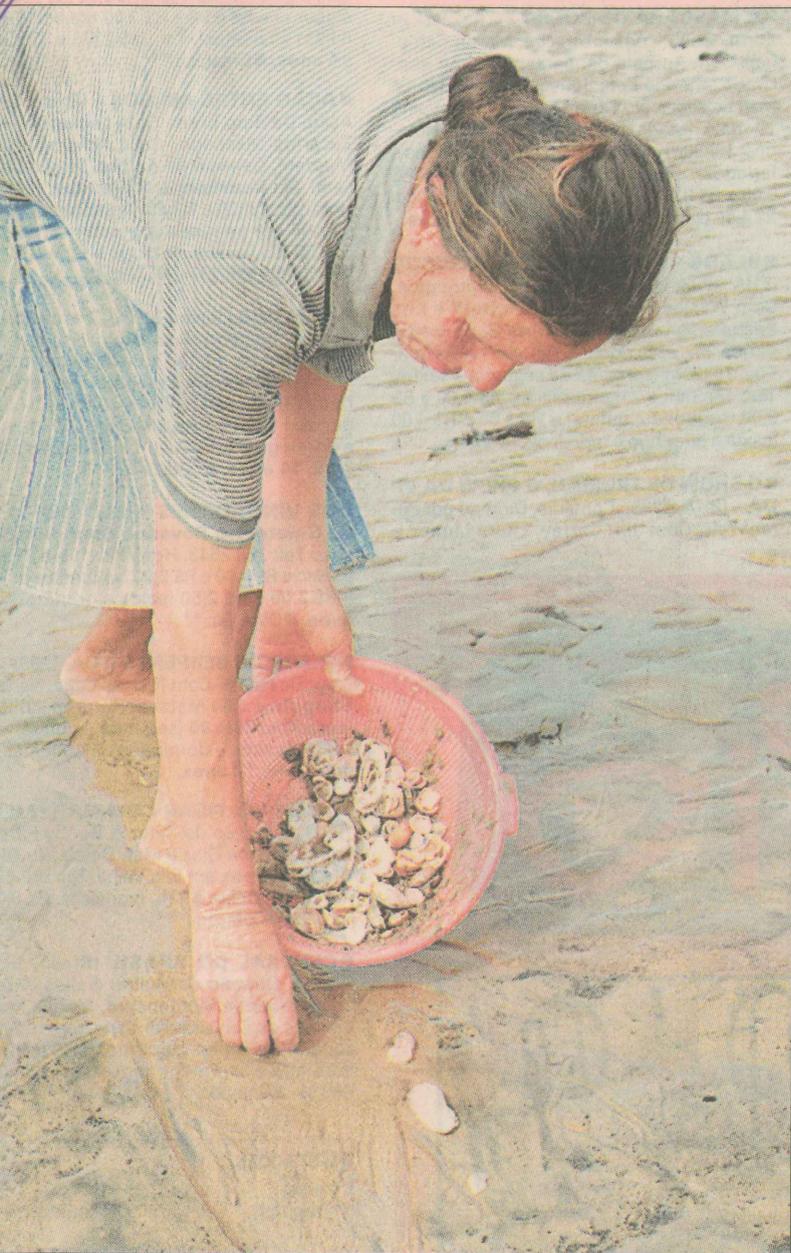


O PONTO É ESTE!
Deixe seu desejo
ganhar forma.
Solicite seu catálogo.
Entregamos em domicílio.
345-0502

Caderno Dois

Das 9 às 24 horas
PONTO
O Ponto do Prazer
De segunda a sábado
345-0502

A GAZETA – Vitória (ES), domingo, 1º de novembro de 1998



Fotos de Evaristo Borges



Famosas, conchas de Piúma estão sumindo

A coleta excessiva de estrelas-do-mar afeta a chegada das conchas na praia

SILVANA HOLZMEISTER

No fundo do mar, a estrela abre a concha e devora o molusco. Depois de perder seu hospedeiro, a conchinha fica sem o centro de gravidade, flutuando à mercê das marés. Finalmente, o “lixo” chega até a praia, onde é recolhido, logo cedinho, pelo catador. Mais tarde, esta casca formada de calcário e madreperola será transformada em artesanato e vendida para todo o Brasil e América Latina.

A natureza é sábia e, se não fosse por ela, cerca de 3 mil moradores de Piúma – a 90 km de Vitória – teriam que buscar outra fonte de renda. É o que biólogos e técnicos municipais estão tentando mostrar às pessoas que colhem as estrelas-do-mar para vendê-las nas casas de umbanda do Rio de Janeiro e São Paulo. A agressão ao meio ambiente ocorre há anos, inclui a devastação dos mangues, e já força os artesãos a importar 50% da matéria-prima do Nordeste. A cidade que já foi considerada o paraíso das conchas, corre o risco de, no futuro, perder definitivamente a aura de poesia.

DE FAMÍLIA – É difícil imaginar Piúma sem aquelas figuras munidas de peneira e saco plástico driblando ondinhas em busca dos pequenos tesouros, abençoadas ao fundo pelo Monte Aghá. São as mesmas, há 20, 30 anos. Começaram a ester conchas incentive das

nome porque esfarela –, utilizada para fazer a base das esculturas. A dúzia custa cerca de R\$ 15,00. A rosada vem em seguida. As outras, vendidas por litro, valem de R\$ 0,50 a R\$ 7,00. São valores irrisórios quando se compara o custo/benefício – são necessárias centenas ou milhares de unidades

para encher uma garrafa.

Ilda Ciciliotte, 33 anos, é outra veterana apesar da pouca idade. Desde os cinco anos de idade ela frequenta as praias do Caiaque, Corujão, Monte Aghá e Maria Ném (formam a praia principal de Piúma). “Minha avó e minha mãe catavam e agora venho com minha filha”, situa. Ao contrário de outros catadores, Ilda garimpa as conchas dentro d’água, usando pá para cavar o solo lamacento. Depois, repete o ritual usado pelos mineiros para extrair seu “ouro”.

Já Palmerina dos Santos, 58 anos, é especialista em búzios minúsculos. Com muita paciência, explora o chão com as mãos em busca das conchinhas que ainda hospedam o molusco. Por isto, ela diz que é preciso deixá-las num canto até que o bichinho morra e apodreça. “Em seguida, lavo para tirar a sujeira e torro para deixar tudo clarinho”, relata, acrescentando que ainda é preciso deixá-las de molho em cloro ou água sanitária. Só depois de um mês de trabalho dona Palmerina pode vender um litro de búzios por R\$ 0,50 ou R\$ 1,00 dependendo da demanda. Ela tem consciência do pouco valor dado ao que faz e sabe que dificilmente será diferente. Assim, prefere se concentrar no

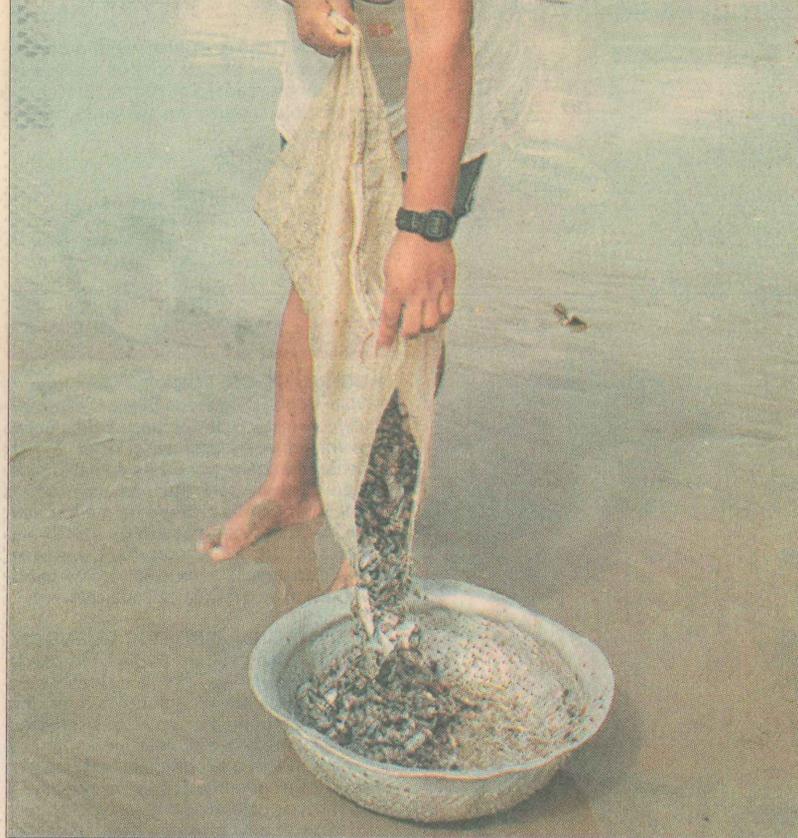
prazer de passar cerca de três horas, todos os dias, na praia.

ARTE – Os búzios recolhidos por Palmerina, servem, por exemplo, para as artesãs Kátia Welerson e Delia Dunis revestirem as bolas tão em alta na decoração moderna. E para Jussara Bassul Guimarães, 40 anos, dar forma ao corpo de pavões e corujas. Artista autodidata, se destaca pela agilidade para fazer esculturas que desafiam a gravidade. Com mais dois ajudantes, produz uma média de 50 unidades por dia.

Welita Cristina da Silva Adão, 31 anos, começou fazendo bijuterias quando ainda era adolescente. Há quatro anos, entretanto, começou a transformar os bichinhos que criava em ímãs de geladeira. “Foi um sucesso e agora tem muita gente fazendo”, comenta. O marido, Ivanilson Adão, a filha e duas irmãs ajudam no negócio.

A arte de transformar conchas em objetos começou por acaso, em 1962, quando Carmen Muniz Guimarães começou a vender o artesanato que fazia por hobby. A idéia deu certo e começaram a surgir outras oficinas. A filha de dona Carmen, Josephina Guimarães – atual diretora de cultura de Piúma – afirma que está elaborando um projeto para criação de um museu na cidade, que mostre a evolução do trabalho com material vindo do mar. Até porque, como escreveu Mário de Andrade, “por detrás do artista, existe o artesão”.

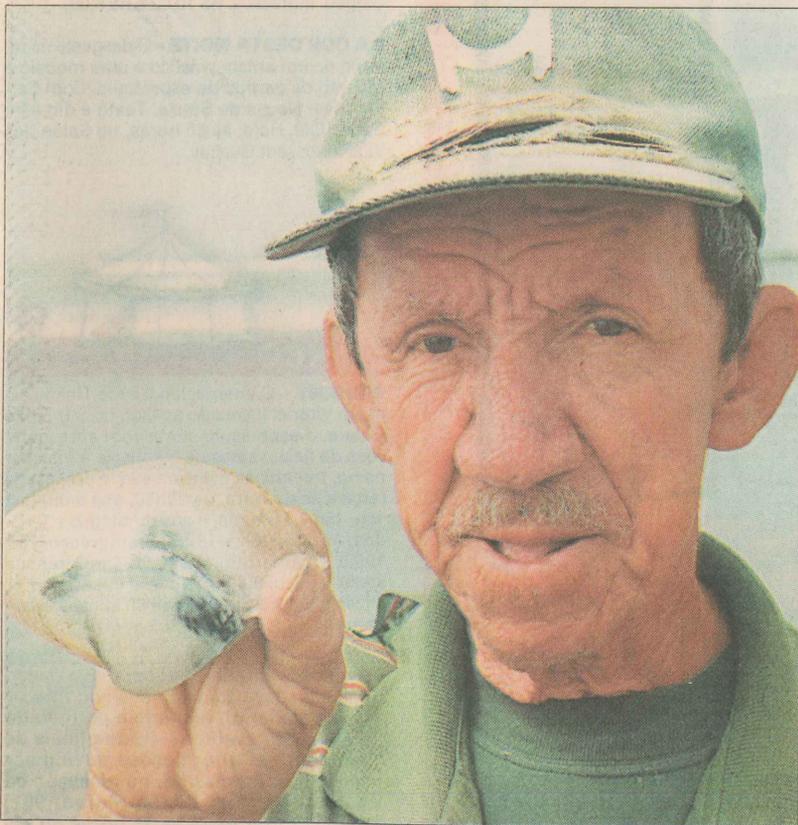




ram a catar conchas incentivadas pelos pais e não perdem a chance de mostrar para os filhos a beleza da atividade. “Tudo isso foi feito pelo mar. Ele vem, traz as coisas e depois volta para buscar o que sobrou”, conta Maria Eugênia Rosário, 54 anos, enquanto recolhe mais algumas preciosidades.

Perito no comportamento do céu e do mar, Ubirajara dos Anjos, 69 anos, afirma que as luas nova e cheia trazem grandes quantidades de conchas para as praias, ao contrário da crescente. O motivo ele não consegue explicar. “Mas a gente conhece quando pode ou não pode vir”, conceitua, com a sabedoria acumulada em 30 anos de prática.

“Seu” Bira, como é conhecido por todos, é o mais antigo catador da cidade. Conhecedor profundo também de todos os tipos de conchas, revela que a mais preciosa é a pó – grande e branca, tem este



Maria Eugênia Rosário (acima) afirma que está difícil achar boas conchas, por isso, recolhe todas que acha na praia. Ilda Ciciliotte, também. Ela começou a catar conchas aos cinco anos de idade e hoje usa um método semelhante ao usado pelos garimpeiros para conseguir uma quantidade maior de conchas. Já Seu Bira, catador há 30 anos, prefere conchas maiores só porque são mais caras